



Performance, Processo, Experiência.

Profa. Dra. Denise Pedron
Teatro Universitário UFMG

Resumo

Esse artigo é um relato subjetivo construído a partir de imagens e sensações de uma performance que aconteceu em Curitiba em 2010. A partir da memória dessa intervenção urbana realizada por mim e os atores Felipe Marcondes e Marcelo Veronez procuro delinear um pensamento sobre minha própria experiência de criação, elaborada com referências na Fenomenologia da Percepção, Deleuze, Foucault, Hakim Bey e outras leituras. Parto das fotos de registro da performance para articular minhas percepções com algumas proposições sobre a criação artística em performance como uma experiência em processo.

Palavras Chave: Performance, Processo, Experiência

This article is a subjective account built from images and sensations of a performance that took place in Curitiba in 2010. From the memory of this urban intervention, performed by me and the actors Felipe Marcondes and Marcelo Veronez, I try to delineate a thought about my own experience of creation, with references in the Phenomenology of Perception, Deleuze, Foucault, Hakim Bey and other readings. The photos of the performance help articulate my perceptions with some propositions about artistic creation in performance as an experiment in process.

Keywords: Performance, Process, Experience

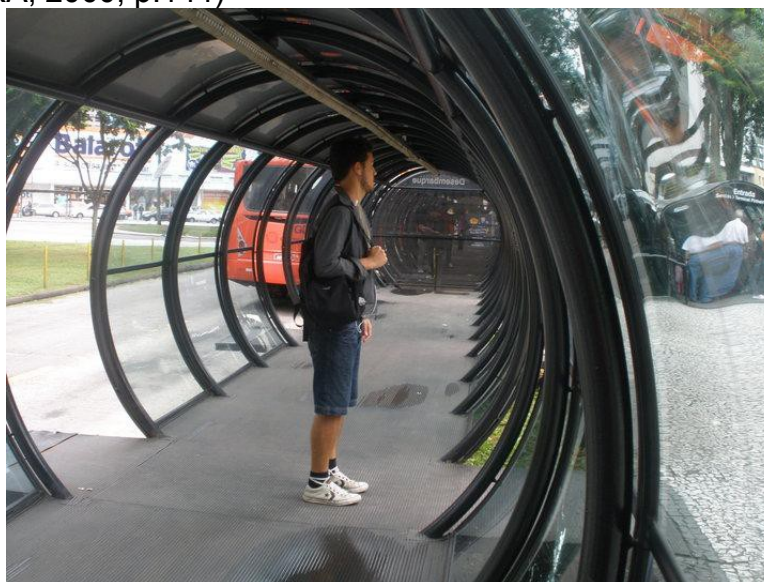
Ela chega. De vestido e tênis com cadarço verde. Bolsinha colorida de criança. Um saco de plástico com o peixe. O que é que o peixe tem de novo pra fazer no aquário? O ar está parado. Algumas pessoas notam seu andar lento. Ela não se importa. A senhora em frente ao ponto de ônibus pede esmolas. Fala com as pessoas. Fala sozinha.

“Quando voltamos nosso olhar para o self, temos de focar o acontecer humano por meio da materialidade do mundo.” (SAFRA, 2000, p.144)



Ela nota a ausência. Ele ainda não chegou. Será que vira? Na dúvida, afasta-se um pouco do local determinado para o encontro. Afasta-se um pouco de si, numa tentativa de distanciamento. Distrai-se, por um momento, imersa em seus pensamentos. Percorre lentamente o espaço da praça. Seu estado extra-cotidiano atrai olhares.

“Não se deve pensar no self como organização mental, ou como uma representação de si mesmo, mas como o indivíduo organizado no tempo, no espaço, no gesto, a partir de sua corporeidade. O self se dá no corpo, o self é corpo.” (SAFRA, 2000, p.144)



Aí está. Ela o vê. Ele veio. Parado, à espera, reitera em seu corpo a presença. Ambos, presentes. Efetiva-se o combinado. O terceiro e último encontro. O fim da

história que teve início e meio. Volta-se para olhá-lo com atenção. Reconhece o homem com quem um dia encontrou-se nesse mesmo lugar que habita o presente. Outro dia. Hoje.

“O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14)



Tentativa de contato. Sem palavras. Objetos carregados de sentidos. Impregnados de memória. O papel higiênico. A alergia que a acompanhara em toda infância. A morte dos peixes por excesso ou falta de comida, nos aquários.



Tentativa de contato. Palavra breve. Objeto. Entrega-lhe o peixe encarcerado no plástico com água. O controle da respiração. A voz suave. O olhar atento. Ele

parece não entender. Recebe o objeto transicional com os olhos atentos, porém confuso. Trata-se mais do que do ato de presentear. Oferece-lhe um ser vivente. Um animal. Parece observar seu nadar aflito; perguntar-se, talvez, o que fazer com o gesto. Afasta-se.

]

“Nessa perspectiva, cada objeto tem importância em si. Não porque, simplesmente, signifique algo, mas porque abre uma possibilidade de ser no mundo com outros homens.” (SAFRA, 2000, p.144)



Teria ele compreendido seu gesto? Existiria abertura suficiente para o acolhimento? Dúvida instaurada, sente o peso do abandono, que faz desmoronar o corpo no chão. Sem resistência, entrega-se.



A multidão invade o espaço de ser. Corpos transitam pela cidade. Criam fluxos. Linhas de força. Vetores. Interrompem fluxos. Precipitam acontecimentos.

“Depois de ser, fazer e deixar que lhe façam. Mas primeiro ser”. (Winnicott, 1986, p.66)



Oferece a si mesmo. Apoia-se em seu corpo, estabelecendo contato. Olha dentro do olho poço sem fundo. Vê-se refletida. Como sair daí? Porque descolar-se? Para perder-se novamente em si? Para depois estabelecer novo contato? Para finalmente encontrar-se?

“Um processo orgânico desemboca em um comportamento humano, um ato instintivo muda e torna-se sentimento, ou inversamente um ato humano adormece e continua distraidamente como reflexo.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14)



Toque sutil. Acolhimento. Esboço de sorriso. O corpo fala ao corpo. Deixa-se dizer.



A plenitude de um abraço. A gargalhada extática. Sente-se leve e segura a um só tempo. A reciprocidade feliz de apoiar e ser apoiada. A entrega mútua. A liberdade do vento no rosto. A cumplicidade. Riem juntos. Correm juntos.

“O self é gesto, é ação, é acontecimento no mundo ... o self é um lugar de encontros.” (SAFRA, 2000, pp.144-145)



Habitam juntos esse espaço que é viver. Vão até a fonte no meio da praça e soltam o peixe, que já não mais envolto no saco plástico tampouco se destina a limitação estreita de um aquário. Nesse momento, mesmo no escuro do porvir, são felizes. Não mais temem a metamorfose porque são metamorfose.



A construção da cena, a intervenção do ato artístico no espaço da cidade, parte não do fato narrado ou encenado em si, mas da relação com o presenciado, com o vivido, tendo lugar no processo de constituição do mundo pelo sujeito que o vivencia. Os performers/criadores através de suas ações imprevistas e não determinadas criam a cena/acontecimento que se dá no espaço urbano e tem o público como testemunha. “A experiência se instaura como realidade a partir da percepção do sujeito” (MERLEAU-PONTY, 1999). E por meio da nossa percepção, habitamos não só a rua, mas também lugares inacessíveis e inconscientes que permeiam o ser e seus processos criativos. O viver criativo

fortalece o sentimento do sujeito de estar vivo, de ser ele mesmo, e, portanto, seus aspectos mais subjetivos são ressaltados em seus processos artísticos.

Na performance a atribuição dos sentidos é da ordem do movimento, dos desenhos do corpo no espaço, a performance trabalha a “presença” na atuação e constrói uma corporeidade diferenciada, capaz de produzir um estado não cotidiano de ser/estar em cena. Isso quer dizer que o corpo do performer está em pleno devir, deixando de ser apenas uma imagem com a qual se identifica para ser um instrumento de percepção do mundo. O corpo é posto em evidência e as relações entre os performers se constroem através de um jogo perceptivo, da dimensão da pele, da respiração, do sangue. A performance é, aqui, um fenômeno sensorial, um acontecimento a ser vivenciado corporalmente pelo sujeito, que valoriza o pensamento intuitivo, cuja construção (não intelectual) baseia-se na experiência direta, na percepção ampliada e consciente da realidade. E com isso, o performer está aberto para as possibilidades de mudança contidas nas variáveis que surgem no momento irrepetível do presente.

Essa ruptura na previsibilidade da vivência cotidiana abre novos espaços de sentidos e novas formas de ver e vivenciar o espaço da cidade. A rua torna-se o espaço potencial para a instauração de uma cena que se dá no imaginário do espectador. Nesse espaço ressignificado a interação com o público é ampliada, e quem habita cotidianamente a cidade começa a fazer parte dessa cena que contribui para criar.

Como lugar de experimentação de identidades móveis, a performance transita entre a arte e a vida, como experiência a ser vivenciada no tempo, acontecimento. Ao “adensar o campo idiossincrático do indivíduo” (COHEN, 1999) e lidar de maneira aberta e acolhedora com o processo de subjetivação dos atuantes, a performance evidencia-se como fazer artístico calcado na experimentação, no processo, e na experiência.

Referências bibliográficas

- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 1989
- SAFRA, Gilberto. **A face estética do self: teoria e clínica**. São Paulo: Unimarco, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WINNICOTT, Donald. **Vivendo de modo criativo; Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.